

**62ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC –  
NATAL, 28 DE JULHO DE 2010**

**Mesa Redonda:  
OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES: HISTÓRIA E RESULTADOS DE UMA  
PESQUISA NACIONAL EM REDE**

***Organização social do espaço intraurbano:  
comparação entre as grandes metrópoles brasileiras.***

Rosetta Mammarella<sup>1</sup>

Dentre as linhas de pesquisa do Observatório das Metrôpoles (Institutos do Milênio/CNPq), o estudo selecionado para ser apresentado na mesa-redonda integra a linha II, que trata da dimensão sócio-espacial da Exclusão/Integração nas metrópoles: reprodução das desigualdades e impactos na sociabilidade urbana, e que terá continuidade no projeto em andamento vinculado ao INCT/CNPq.

A apresentação, que assenta-se no estudo realizado por Lago, Mammarella (2009), analisa as grandes tendências na organização social do território metropolitano brasileiro, ocorridas entre 1991 e 2000, tendo como referência básica as alterações na organização social do território de quatro metrópoles brasileiras. Duas com características de metrópole global – São Paulo e Rio de Janeiro –, e duas de porte nacional – Belo Horizonte e Porto Alegre. Tem como objetivos centrais a análise das grandes tendências na organização social do território metropolitano brasileiro; verificar as mudanças ocorridas na estrutura sócio-ocupacional de cada uma das metrópoles; e, avaliar em que medida as mudanças no padrão intra-metropolitano de localização das classes sociais no território implica no aprofundamento dos efeitos negativos da reestruturação econômica sobre as condições de vida dos trabalhadores, ou ao contrário, ameniza tais efeitos.

Tem como pressuposto central a idéia de que o perfil social de uma área, ou seja, o grau de diversidade ou homogeneidade social de uma área exerce forte influência sobre as ações dos indivíduos ali residentes e dos demais agentes que atuam na metrópole. Nesse sentido, o perfil social de uma área se constitui como fator (re)produtor de desigualdades econômicas e de poder. E, pretende responder a uma questão central, qual seja, se estaria em curso um processo de homogeneização dos espaços de residência nas grandes metrópoles brasileiras. Para tanto, será realizado o exame das grandes tendências no que diz respeito ao rebatimento das transformações do mercado de trabalho na distribuição das classes no território metropolitano. Trabalha-se conjuntamente grau de concentração dos diferentes grupos sociais e grau de homogeneidade social das áreas.

Na sequência, é sumarizado e ilustrado o conteúdo da apresentação realizada na mesa-redonda sobre o Observatório das Metrôpoles, comparando as quatro Regiões Metropolitanas: São Paulo (RMSP), Rio de Janeiro (RMRJ), Belo Horizonte (RMBH), e, Porto Alegre (RMPA). A fonte de dados de todas as informações apresentadas são os Censos Demográficos de 1991 e de 2000, a partir de tabulações especiais realizadas pelo Observatório das Metrôpoles das informações do questionário da amostra.

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia, técnica da Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, (FEE), de Porto Alegre, e coordenadora do Núcleo de Porto Alegre do Observatório das Metrôpoles. [rosetta@fee.tch.br](mailto:rosetta@fee.tch.br).

Primeiramente serão analisadas, de forma comparativa, as principais tendências nas estruturas socioocupacionais das referidas metrópoles, na década de 90. No segundo segmento, o exame recairá sobre as grandes tendências no que diz respeito ao rebatimento das transformações do mercado de trabalho na distribuição das classes no território metropolitano.

### Ponto um: estruturas socioocupacionais das grandes metrópoles

Em termos demográficos existe uma grande diferença entre as metrópoles analisada, tanto em termos de escala como de dinâmicas. A Região Metropolitana de São Paulo mantém a primazia em termos de tamanho considerando a população ocupada (mais de sete milhões em 2000), seguida da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (mais de quatro milhões). As Regiões Metropolitanas de Porto Alegre e de Belo Horizonte, no entanto, se equivalem, a primeira com 1,7 milhões e a segunda com 1,4 milhões de população ocupada. Em termos dinâmicos, no entanto, a RMBH é a que apresentou mais percentual de aumento relativo da população ocupada (25,4%) e a RMRJ o menor percentual (12,6%). As outras duas ficaram em patamares próximos (Gráficos 1 e 2).

Gráfico 1

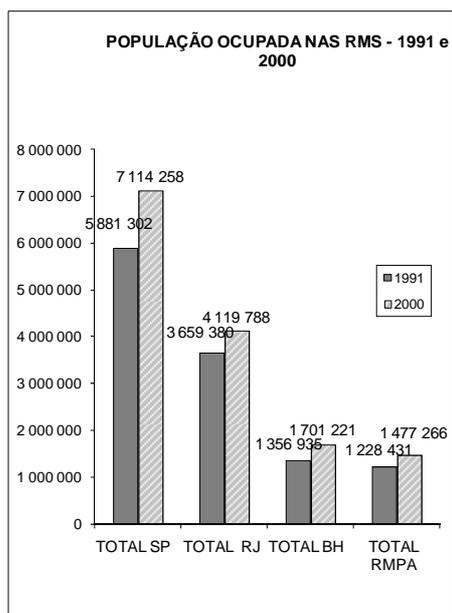
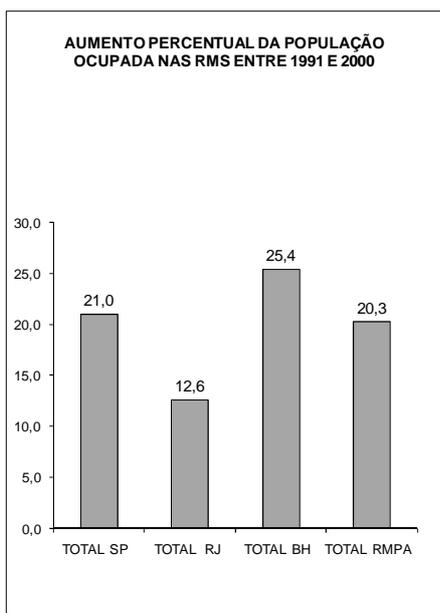


Gráfico 2



### perfil social

A estrutura socioocupacional aqui trabalhada é formada por 24 categorias sócio-ocupacionais hierarquizadas, agregadas em oito grandes grupos.<sup>2</sup> A primeira evidência que se destaca, na tabela 1, é a semelhança entre as estruturas sociais das

<sup>2</sup> Tal estrutura foi construída pela rede nacional de pesquisadores Observatório das Metrópoles, sediada no IPPUR/UFRJ ([www.observatoriodasmetropoles.net](http://www.observatoriodasmetropoles.net)). Na sua construção, agrupamos as ocupações discriminadas nos censos demográficos de 1991 e 2000, em 24 categorias, procurando obedecer aos seguintes princípios de divisão: capital (empregadores) e trabalho (não empregadores), grande (mais de 11 empregados) e pequeno capital, trabalho assalariado e trabalho autônomo, trabalho manual e não-manual e, atividades de controle e de execução. Também foi levada em consideração a diferenciação entre setores da produção, como o Secundário e o Terciário, e, finalmente, entre os ocupados no Setor Secundário, foi feita uma distinção entre os setores modernos e tradicionais da indústria. Ver: Ribeiro, L. C. Q. e Lago, L. C. "O espaço social das grandes metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte." Cadernos Metrópole, nº 4, 2000, p. 9-32.

regiões em 2000, especialmente no que se refere às categorias superiores na hierarquia: dirigentes, profissionais<sup>3</sup> e ocupações médias<sup>4</sup>. As diferenças mais significativas estão concentradas no universo dos trabalhadores manuais, particularmente entre os operários da indústria, a categoria mais afetada pela crise e pela reestruturação produtiva iniciada na década de 80.

Levando em consideração o percentual de população ocupada classificada como categorias médias e de trabalhadores do secundário, as Regiões Metropolitanas de São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre se caracterizam como apresentando um perfil médio-operário. Já o Rio de Janeiro, mescla seu perfil básico como médio-terciário. Alguns destaques merecem ser feitos: a RMPA é onde o perfil operário é mais acentuado, com 27% dos trabalhadores enquadrados na categoria do secundário. A RMRJ é a que pode ser definida como a mais “superior”, se for levado em conta que 10% de sua população é composta de dirigentes e profissionais de nível superior e, tendo predomínio das atividades do terciário, que representa 39% dos ocupados. Já a RMSP tem maior destaque entre as ocupações médias (28%). A região com maior perfil popular é a de Belo Horizonte, levando em consideração de 27% de sua população está composta de trabalhadores da construção civil somados aos trabalhadores não especializados.

Tabela 1 - Perfil socioocupacional

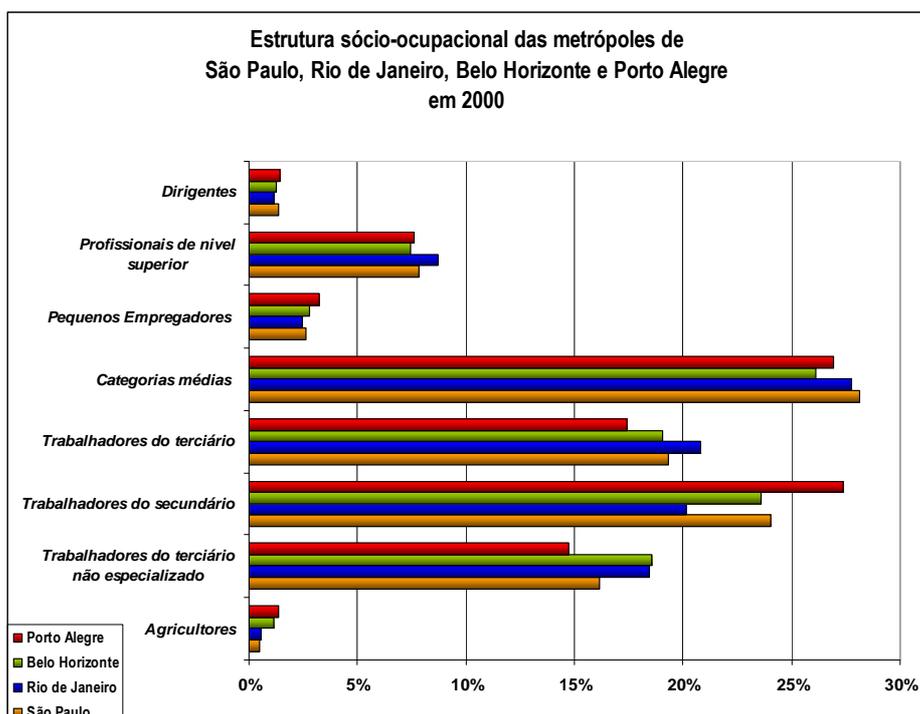
CATS	RMS P 2000	RMRJ 2000	RMBH 2000	RMPA 2000
<b>Dirigentes</b>	<b>1,4</b>	<b>1,2</b>	<b>1,3</b>	<b>1,4</b>
Grandes Empregadores	0,8	0,6	0,7	0,8
Dirigentes do Setor Público	0,2	0,2	0,2	0,3
Dirigentes do Setor Privado	0,4	0,3	0,3	0,3
<b>Profissionais de nível superior</b>	<b>7,8</b>	<b>8,8</b>	<b>7,4</b>	<b>7,6</b>
Profissionais Autônomos de Nível Superior	2,0	2,0	2,0	2,1
Profissionais Empregados de Nível Superior	3,7	3,6	2,9	2,8
Profissionais Estatutários de Nível Superior	0,4	1,1	0,8	0,7
Professores de Nível Superior	1,8	2,0	1,8	1,9
<b>Pequenos empregadores</b>	<b>2,6</b>	<b>2,4</b>	<b>2,8</b>	<b>3,2</b>
Pequenos Empregadores	2,6	2,4	2,8	3,2
<b>Ocupações médias</b>	<b>28,1</b>	<b>27,8</b>	<b>26,1</b>	<b>26,9</b>
Ocupações de Escritório	10,6	9,2	9,7	9,3
Ocupações de Supervisão	5,3	4,3	4,2	4,5
Ocupações Técnicas	6,4	5,7	5,5	6,4
Ocupações Médias da Saúde e Educação	3,3	4,2	3,7	3,6
Ocupações de Segurança Pública, Justiça e	1,5	2,9	1,7	1,9
Ocupações Artísticas e Similares	1,1	1,4	1,3	1,2
<b>Trabalhadores do terciário especializado</b>	<b>19,3</b>	<b>20,7</b>	<b>19,1</b>	<b>17,4</b>
Trabalhadores do Comércio	9,7	9,7	9,7	8,7
Prestadores de Serviços Especializados	9,6	11,0	9,4	8,7
<b>Trabalhadores do secundário</b>	<b>24,0</b>	<b>20,2</b>	<b>23,6</b>	<b>27,3</b>
Trabalhadores da Indústria Moderna	7,1	3,9	5,6	6,4
Trabalhadores da Indústria Tradicional	4,6	3,9	4,2	8,9
Operários dos Serviços Auxiliares	6,0	5,1	5,4	4,9
Operários da Construção Civil	6,3	7,3	8,4	7,2
<b>Trabalhadores do terciário não</b>	<b>16,2</b>	<b>18,4</b>	<b>18,6</b>	<b>14,7</b>
Prestadores de Serviços Não Especializados	5,2	5,3	5,7	4,6
Trabalhadores Domésticos	7,2	8,8	9,7	6,7
Ambulantes e Biscateiros	3,7	4,3	3,1	3,4
<b>Agricultores</b>	<b>0,5</b>	<b>0,6</b>	<b>1,1</b>	<b>1,4</b>
Agricultores	0,5	0,6	1,1	1,4
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

<sup>3</sup> As ocupações de maior peso entre os profissionais de nível superior são os advogados, os médicos e dentistas, os contadores, os engenheiros e os analistas de sistema.

<sup>4</sup> Trata-se de um grupo socioocupacional bastante heterogêneo, reunindo secretárias, escriturários, recepcionistas, gerentes, técnicos, auxiliares de enfermagem e policiais, entre as principais ocupações. As ocupações de maior peso entre os técnicos são os corretores, desenhistas, técnicos em eletrônica e em programação.

O Gráfico 3, abaixo, permite ver com nitidez as diferenças e semelhanças entre os perfis socioocupacionais das quatro metrópoles. Visto em conjunto, as categorias médias são igualmente predominantes, seguidas dos trabalhadores do secundário, dos trabalhadores do terciário e dos trabalhadores do terciário não especializado. As categorias dos dirigentes, dos pequenos empregadores e dos agricultores ocupam uma parcela pequena, em termos relativos, dos ocupados metropolitanos. E, por fim, os profissionais de nível superior se assemelham em termos de participação relativa. Um destaque deve ser dado para a RMPA onde o tamanho relativo das ocupações médias e dos trabalhadores do secundário é equivalente.

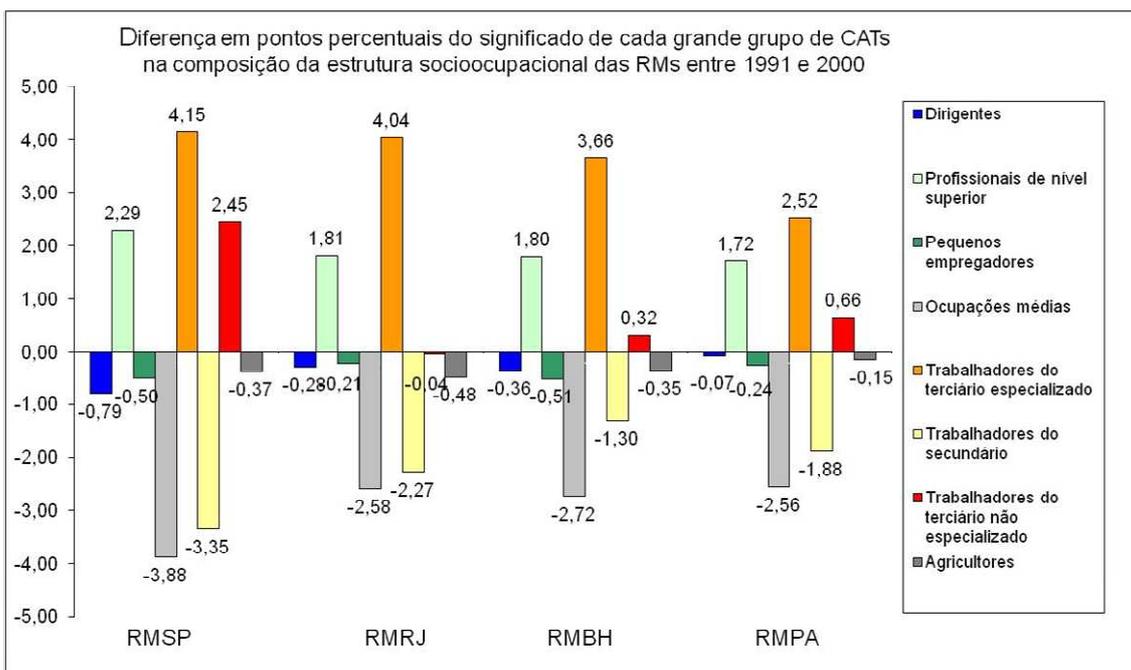
Gráfico 3



### **mudanças no perfil social entre 1991 e 2000**

Quais foram as principais mudanças que se evidenciam no perfil social das metrópoles na década entre 1991 e 2000? Essa é a questão que se trata de analisar tendo como referência o gráfico 4. A medida tomada foi a diferença em pontos percentuais do peso de cada grupo de categorias entre um ano e outro. Os grupos de categorias que perderam posição relativa nas quatro metrópoles foi, essencialmente, a das ocupações médias e dos trabalhadores do secundário. Portanto, pode-se inferir que as mudanças produzidas a partir dos processos de reestruturação produtiva tiveram influência “negativa” entre essas ocupações. Ao contrário do que ocorreu com os trabalhadores do terciário especializado, seguido dos profissionais de nível superior, que nas quatro metrópoles tiveram aumento significativo. Isso significa essencialmente o impacto da terceirização e o aumento nas profissões que exigem curso superior. Na RMPA, especialmente, é muito significativo também o aumento dos trabalhadores do terciário não especializado.

Gráfico 4

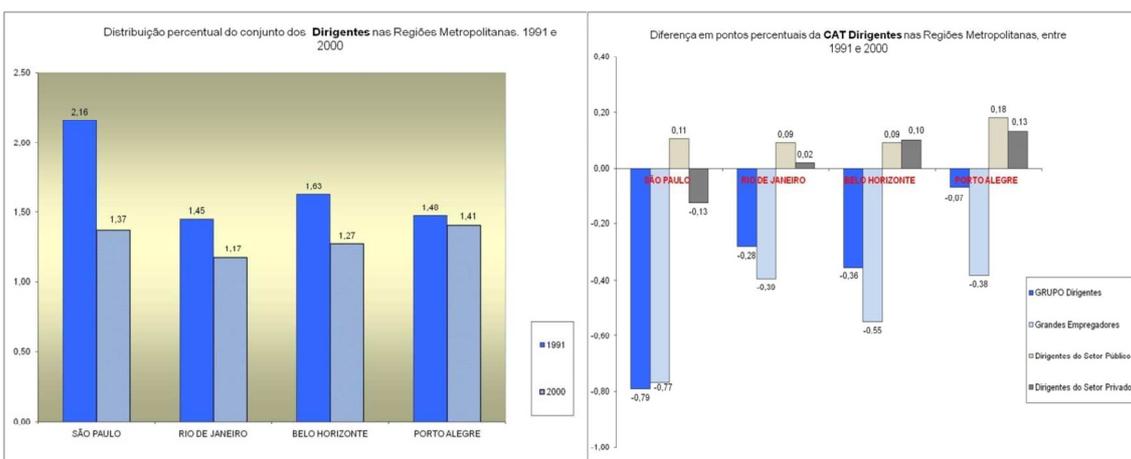


Porém, os processos de mudanças são diferenciados quando se discrimina a hierarquia socioocupacional em cada região metropolitana. A sequência dos quatro conjuntos de gráficos que são reproduzidos abaixo mostra essas particularidades.

### Categorias superiores: Dirigentes e Profissionais de Nível Superior

No gráfico 5 mostra-se como as categorias compostas pelos dirigentes perderam posição relativa ao longo do período, principalmente na RMSP. Analisando a composição interna de cada grupo, percebe-se, que entre as categorias componentes desse grupo, merece destaque o aumento dos dirigentes do setor público nas quatro regiões, e dos dirigentes do setor privado à exceção de São Paulo

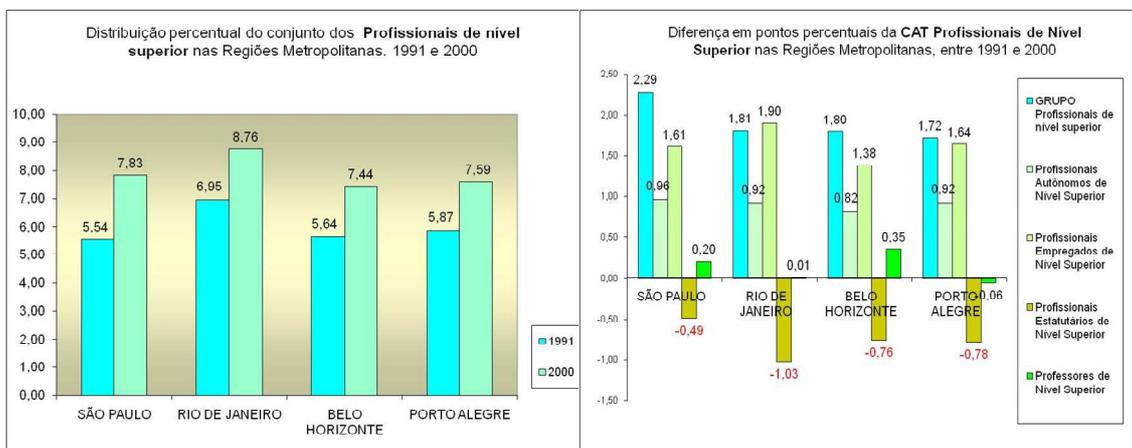
Gráfico 5



Já entre o conjunto dos profissionais de nível superior, observa-se uma elevação relativa em todas as metrópoles. Aumentaram, relativamente, profissões como a dos advogados, médicos e dentistas, contadores, engenheiros e analistas de sistema. Desse grupo, a única categoria que perdeu posição foi dos profissionais estatutários

de nível superior que como mostra o gráfico 6, teve perda relativa generalizada. Poderá ser efeito da retração do tamanho do Estado por conta de todas as transformações exigidas seja pelas privatizações como outros processos associados ao movimento geral da globalização e reestruturação produtiva.

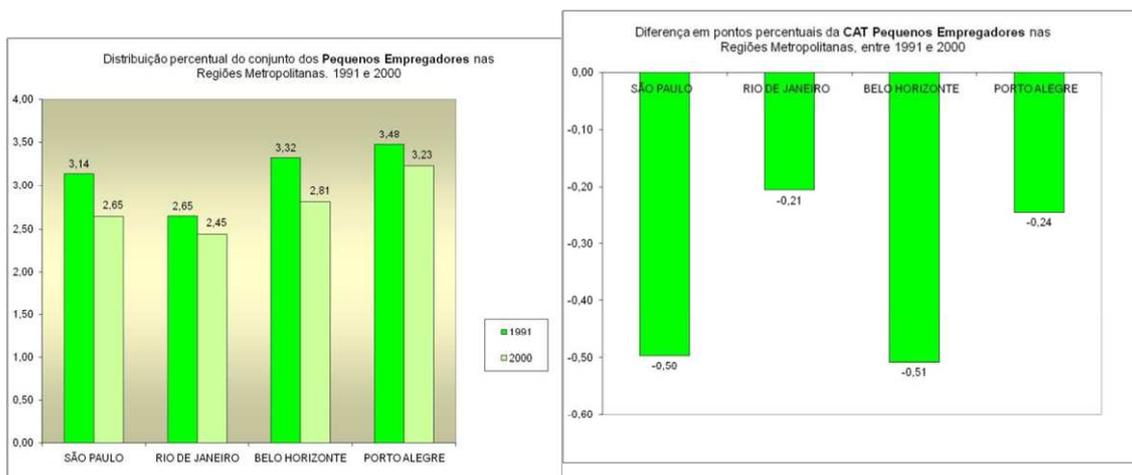
Gráfico 6



### Categorias médias: pequenos empregadores e ocupações médias

Os pequenos empregadores, uma parcela da pequena burguesia das nossas metrópoles, sofreu também um movimento de retração nas quatro regiões, como pode ser visto no gráfico 7.

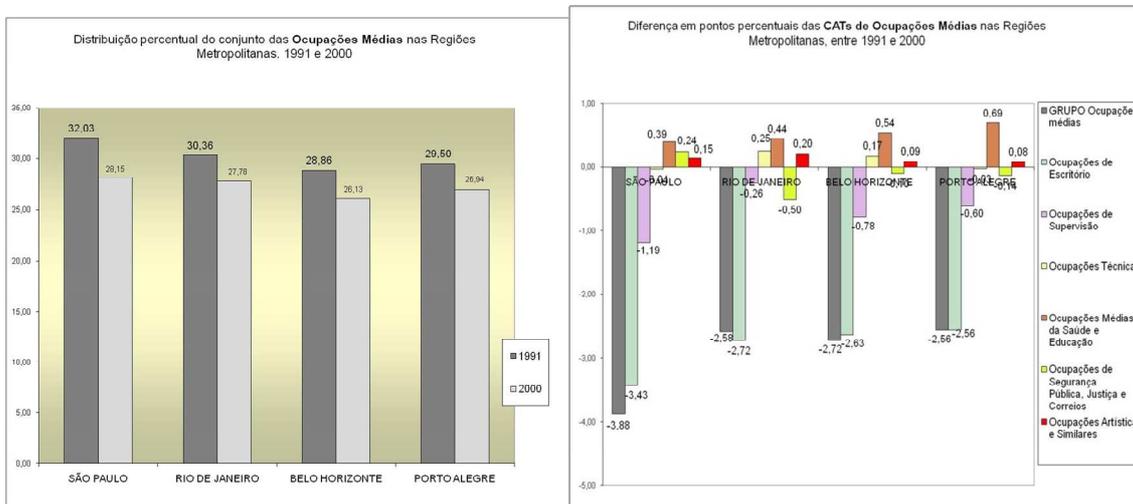
Gráfico 7



No entanto, se considerarmos o outro conjunto que integra as categorias médias, cujas ocupações estão ligadas às atividades de escritório, de supervisão, as técnicas as públicas de nível médio da saúde, educação, segurança pública e correios, além das artísticas, os movimentos foram diferenciados ao longo do período (gráfico 8). Quem perde posição de maneira intensa são as ocupações ligadas às atividades mais corriqueiras de escritório (secretárias, escriturários, recepcionistas, gerentes). Ganham posição relativa, porém, nesse grupo, as atividades de nível médio de Estado, ligados à saúde e educação. Já essa parcela de trabalhadores de nível médio que atuam em

atividades próprias de Estado, vinculadas à segurança pública, cai nas quatro metrópoles. Mesmo que a perda relativa não seja muito elevada, mostra, fundamentalmente, que o Estado não avançou no que diz respeito às questões de segurança pública, malgrado o problema da violência ser uma constante nas grandes metrópoles.

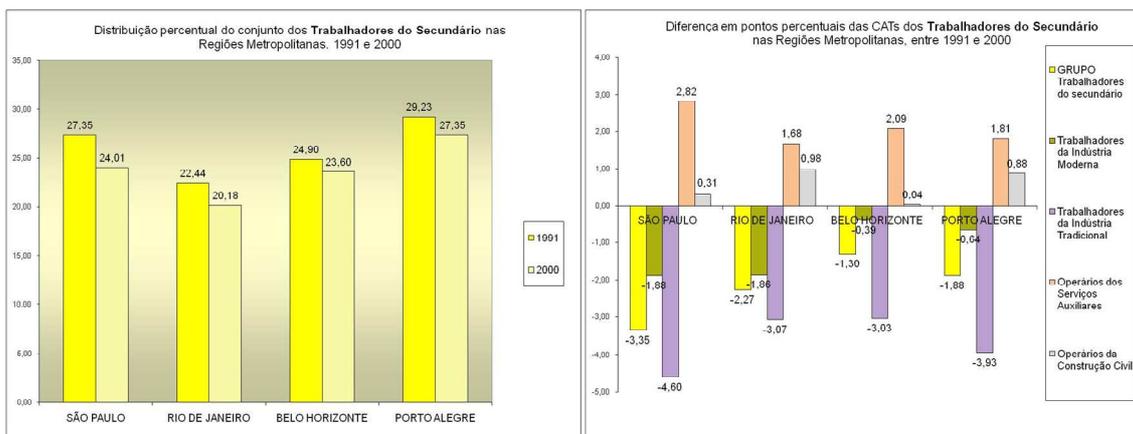
Gráfico 8



### Categorias operárias: trabalhadores do secundário

Esse agrupamento de categorias, onde estão classificados os trabalhadores ligados ao setor secundário da economia, mostra que a perda de posição no emprego nesse setor foi muito semelhante nas quatro regiões (gráfico 9). Especificamente, só quem ganhou posição, ou seja, houve crescimento relativo, foi nas ocupações mais ligados aos setores modernos da economia, como os operários de serviços auxiliares à indústria e, em menor escala, os operários da construção civil. Portanto, pode-se afirmar que embora estejamos trabalhando com metrópoles com portes diferenciados, os processos neste particular foram muito semelhantes.

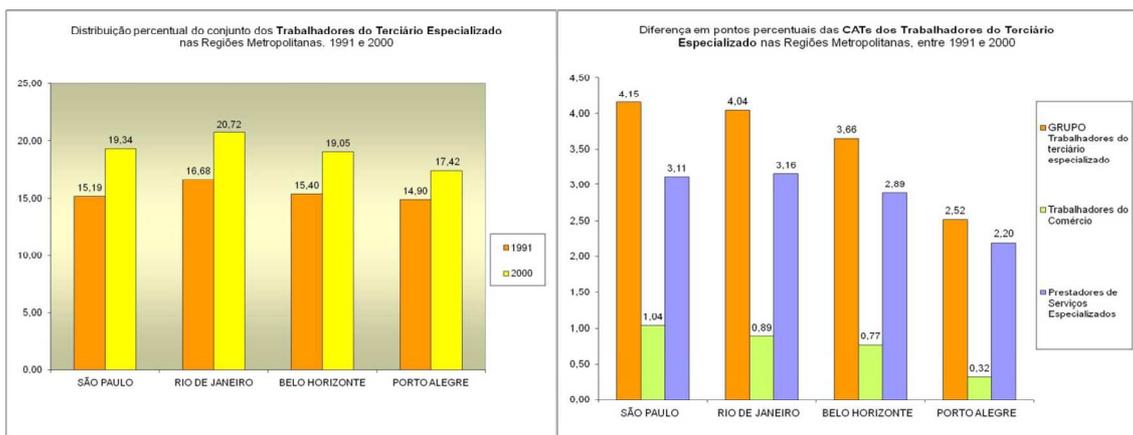
Gráfico 9



### Categorias do terciário: especializado e não especializado

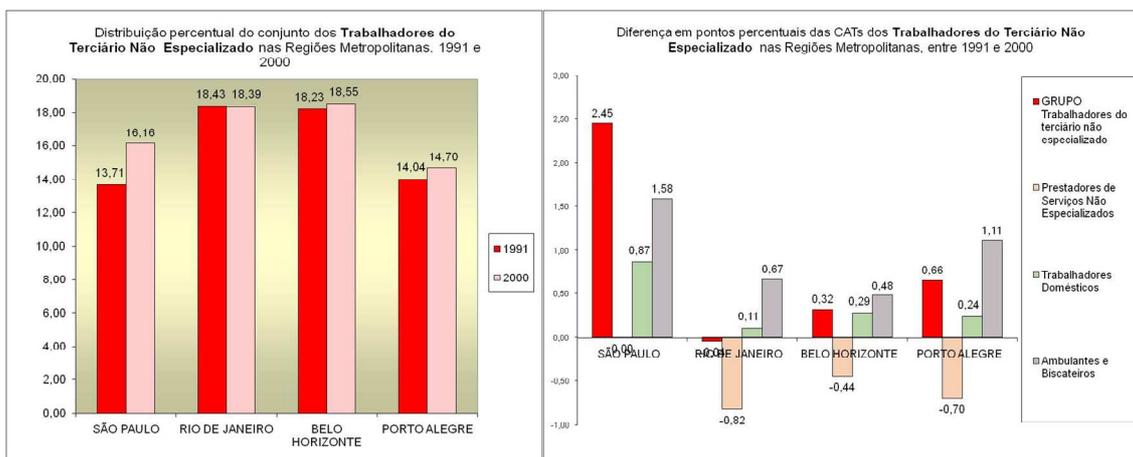
O aumento do setor terciário é um sinal das grandes transformações por que passou a economia das metrópoles nas últimas décadas. Na categorização que é feita aqui, distinguimos os trabalhadores do terciário especializado do não especializado. No primeiro, estão consideradas as ocupações diretamente vinculadas ao processo de terciarização que se estabeleceu e consolidou ao longo dos últimos 30-40 anos. Fazem parte do grupo do terciário especializado os trabalhadores do comércio e o dos serviços especializados. Todos cresceram em todas as quatro regiões metropolitanas, como pode ser visto no gráfico 10, especialmente aquelas ocupações ligadas aos serviços especializados, tais como garçons, cozinheiros, vigilantes e trabalhadores nos serviços de embelezamento

Gráfico 10



Já entre os trabalhadores do terciário não especializado, onde estão as categorias profissionais mais vulneráveis socialmente, aumentou a participação dos ambulantes e biscateiros e, em menor grau, dos trabalhadores domésticos.

Gráfico 11



## Ponto dois: estruturas socioespaciais

A análise das estruturas socioespaciais é feita a partir da relação entre as categorias socioocupacionais e as Áreas de expansão da amostra, que se constituem nas menores unidades territoriais definidas pela IBGE para as quais são divulgados os

resultados do questionário da amostra dos Censos Demográficos. A partir dessa correlação, cuja metodologia está amplamente divulgada em trabalhos do Observatório das Metrópoles, o território é classificado a partir de algumas tipologias que o qualificam socialmente.<sup>5</sup>

A identificação dos tipos está fundada na relação do perfil médio de cada área com o perfil médio da metrópole como um todo. Nesse sentido, cada tipo expressa um determinado grau de homogeneidade social e de concentração das categorias socioocupacionais num conjunto de áreas. O que será examinado é o **padrão de concentração** territorial das categorias ocupacionais e o **grau de homogeneidade social** do território como representação das estratégias de localização das classes sociais no espaço metropolitano.

Considerando o perfil socioocupacional predominante em cada agrupamento, os grupos de AEDs foram caracterizados a partir dos seguintes perfis

- (i) as áreas de **tipo “superior”** se definem pela maior concentração e maior peso relativo das categorias dos dirigentes e dos profissionais de nível superior, sendo que, em alguns casos, os pequenos empregadores e as ocupações médias dividem importância com elas.
- (ii) As áreas de **tipo “médio”** são marcadas por uma forte presença das ocupações médias, muito embora elas não se encontrem tão concentradas num determinado tipo como as demais categorias. A dispersão residencial no território dos estratos médios é uma de suas características principais. Essa dispersão revela misturas sociais variadas, seja com as categorias de profissionais, seja com as ocupações terciárias ou secundárias.
- (iii) Já o tipo **“operário”** define os espaços onde a moradia dos trabalhadores da indústria tem significado estatístico relevante. Quando os operários compartilham a área de residência com outros setores sociais, isso ocorre, via de regra, com os setores populares, representados pelos trabalhadores manuais pouco qualificados, da construção civil e do terciário não especializado.
- (iv) Estes últimos, os trabalhadores manuais pouco qualificados, os da construção civil e os do terciário não especializado, por sua vez, se constituem nas categorias definidoras das áreas de **tipo “popular”**.
- (v) As áreas de **tipo agrícola**, remanescentes em algumas regiões metropolitanas, são aquelas onde a moradia dos agricultores tem significado estatístico especialmente em termos da densidade média, uma vez que em termos percentuais a população ocupada nessa atividade é pequena nas metrópoles.

No quadro 1 encontram-se sintetizados os resultados obtidos. Temos para cada uma das regiões metropolitanas as informações do número de áreas e sua correspondente relativa consideradas para cada ano, e o tamanho da população ocupada, tanto em termos absolutos como relativo. Levando em consideração uma análise detalhada que considera se as alterações ocorridas entre o número de áreas de um determinado tipo e o tamanho da população, pode-se chegar à informações se houve adensamento populacionais, diferenciação social do espaço, podendo-se igualmente qualificar os espaços, como se houve proletarianização, elitização, ou diversificação social.

---

<sup>5</sup> MAMMARELLA, BARCELLO, 2005; RIBEIRO, LAGO, 2000;

Quadro 1

TIPOLOGIAS E REGIÕES METROPOLITANAS		ÁREAS				POPULAÇÃO OCUPADA				
		Total		Percentual		Total		Percentual		
		1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000	
RMSP	SUPERIORES	183	167	22.6	20.6	1 641 568	1 455 065	27.9	20.5	
	MÉDIOS	212	250	26.1	30.9	1 742 559	2 250 812	29.6	31.6	
	OPERÁRIOS	283	242	34.9	29.8	1 710 739	2 013 311	29.1	28.3	adensou
	POPULARES	125	136	15.4	16.7	755 029	1 271 396	12.8	17.9	adensou
	AGRÍCOLAS	8	16	1.0	2.0	31 407	123 674	0.5	1.7	
	<b>TOTAL RMSP</b>	<b>811</b>	<b>811</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>5 881 302</b>	<b>7 114 258</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	
RMRJ	SUPERIORES	41	39	9.2	8.8	501 995	510 153	13.7	12.4	
	MÉDIOS	132	143	29.8	32.3	1 287 940	1 406 082	35.2	34.1	
	OPERÁRIOS	152	70	34.3	15.8	1 167 720	679 978	31.9	16.5	perda significativa
	POPULARES	116	191	26.2	43.1	694 351	1 523 575	19.0	37.0	espraiou
	AGRÍCOLAS	2	0	0.5	0.0	7 374	0	0.2	0.0	
	<b>TOTAL RMRJ</b>	<b>443</b>	<b>443</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>3 659 380</b>	<b>4 119 788</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	
RMBH	SUPERIORES	10	8	8.3	6.6	120 031	111 428	8.8	6.5	
	MÉDIOS	42	38	34.7	31.4	495 437	465 610	36.5	27.4	
	OPERÁRIOS	54	59	44.6	48.8	608 407	837 781	44.8	49.2	proletarizou?
	POPULARES	15	16	12.4	13.2	133 060	286 402	9.8	16.8	
	<b>TOTAL RMBH</b>	<b>121</b>	<b>121</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>1 356 935</b>	<b>1 701 221</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	
RMPA	SUPERIORES	15	17	9.6	10.9	163 171	189 654	13.3	12.8	
	MÉDIOS	18	35	11.5	22.4	164 246	368 409	13.4	24.9	diversificação social
	OPERÁRIOS	73	74	46.8	47.4	522 351	657 239	42.5	44.5	
	POPULARES	43	25	27.6	16.0	350 923	229 046	28.6	15.5	
	<b>TOTAL RMPA</b>	<b>156</b>	<b>156</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>1 228 431</b>	<b>1 477 266</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	

O perfil social médio de cada tipo de áreas pode ser assim descrito:

### Áreas de tipo “Superior”

Na RMSP esse tipo de áreas é maior comparativamente às outras regiões, tanto em termos da extensão territorial (número de áreas), quanto do contingente de ocupados nessas áreas

No entanto, o peso dos dirigentes e profissionais na estrutura social paulista era inferior ao encontrado na estrutura do Rio de Janeiro. A explicação, então, estaria no padrão de ocupação das áreas mais valorizadas em cada metrópole: em São Paulo, parte significativa dessas áreas é de baixa densidade, abrigando casas unifamiliares, enquanto no Rio de Janeiro, as classes superiores moram em apartamentos concentrados em bairros de alta densidade. Na metrópole paulista, apenas 34% do estoque domiciliar das áreas superiores era de apartamentos em 2000, enquanto no Rio de Janeiro esse percentual alcançava 81%.

### Áreas de tipo “médio

A localização desses segmentos médios no território torna evidente o seu caráter difuso. Tal conjunto de trabalhadores estava presente, com alguma relevância, em todos os tipos de área Perfil socioocupacional Também em Porto Alegre e Belo Horizonte cerca de um quarto dos trabalhadores moravam em áreas médias em 2000, no entanto as duas regiões apresentaram tendências opostas na década de 90: a metrópole gaúcha teve um surpreendente aumento de áreas médias no período – de 18 para 35 áreas – enquanto a metrópole mineira viu encolher tanto esse tipo de área (de 42 para 38) como o percentual de ocupados nele residindo. No caso de Porto Alegre, esse aumento de áreas médias foi acompanhado pela queda do número de áreas populares (de 43 para 25), o que permite inferir que as categorias médias se espalharam por territórios que eram tipicamente populares em 1991, alterando o perfil social de parte desses territórios. Vale lembrar que nas quatro metrópoles, o conjunto

das categorias médias apresentou, nos anos 90, queda relativa. Portanto, essa difusão dos setores médios em Porto Alegre, não resultou da elevação do contingente de trabalhadores nesses setores, mas de novas estratégias de localização residencial acionadas por estes. Já em Belo Horizonte, a diminuição de áreas médias ocorreu juntamente com o aumento de áreas operárias (de 54 para 59) e, em menor escala, de áreas populares (de 15 para 16). Nesse caso, a retração dos setores médios foi acompanhada pela expansão dos prestadores de serviço e trabalhadores do comércio em áreas médias, transformando parte dessas áreas em áreas tipicamente populares. Mesmo com redução, as áreas médias ainda marcavam fortemente o espaço metropolitano mineiro, em 2000. Esses territórios que denominamos de “tipo médio” são os que apresentam o maior equilíbrio na distribuição das categorias socioocupacionais, sendo, portanto, os mais próximos do que se pode projetar como distribuição ótima das classes sociais no espaço urbano. Quando se analisa criticamente a tendência à auto-segregação das elites ou a segregação imposta às classes populares, o contraponto são os bairros marcados pela diversidade social. Porém, essas áreas médias têm sido muito pouco estudadas, justamente por estarem “no meio” das polarizações socioespaciais, estas sim, objetos privilegiados pelos estudos urbanos contemporâneos.

### **Áreas de tipo “operário”**

Encontra-se em Porto Alegre e no Rio de Janeiro uma relação direta entre seus perfis socioocupacionais e seus respectivos padrões socioterritoriais: na metrópole mais operária do país (RMPA), com mais de 27% de sua população ocupada no setor secundário, os espaços operários predominavam em 2000, enquanto na metrópole fluminense, de perfil terciário, o maior peso das categorias médias (cerca de 28%) e dos trabalhadores do terciário especializado (quase 21%) sustentava a primazia das áreas médias e populares. Recuperando a tese de que a alta homogeneidade de bairros mais tipicamente operários tem algum nexos com a coesão e o poder de classe, é possível afirmar que Porto Alegre e São Paulo guardam condições socioterritoriais mais propícias à reprodução e ao exercício desse poder por parte dos trabalhadores da indústria, se comparadas com as de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Porém, essa conjugação entre território e poder está condicionada às condições de trabalho e mais precisamente ao grau de estabilidade do trabalho. Em todas as metrópoles estudadas, verificou-se, nos anos 90, um significativo aumento no percentual de trabalhadores autônomos sem Previdência, indicando uma forte precarização das relações de trabalho e, conseqüentemente, crescente instabilidade da renda. Soma-se a esse quadro, o significativo aumento da taxa de desemprego no período. Sem reduzir a importância que os bairros mais tipicamente operários podem ter para a manutenção ou reconstrução dos interesses coletivos por parte dos trabalhadores, sabe-se, através de uma já vasta literatura, que a crescente precarização do trabalho enfraquece as possibilidades da ação coletiva baseada numa identidade de classe. O bairro operário, nesse contexto, guardaria ainda sua função de facilitar a ajuda mútua para a reprodução dos trabalhadores e suas famílias.

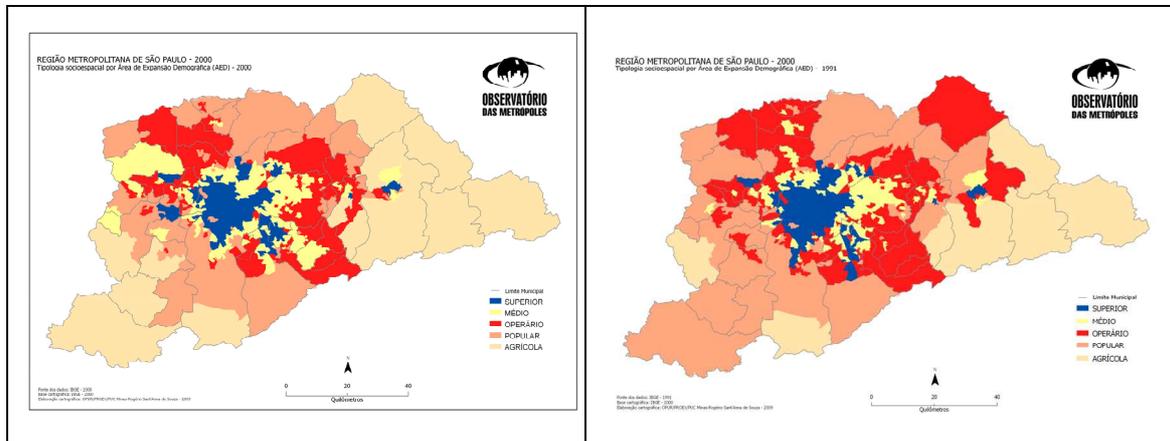
### **Áreas de tipo “popular”**

Alguns espaços se tornaram, ao longo dos anos 90, mais tipicamente populares, ou seja, com maior peso dos trabalhadores manuais especialmente dos serviços que requerem baixa qualificação e da construção civil. Nesse universo, a metrópole do Rio de Janeiro destacava-se das demais metrópoles com um percentual de áreas populares bem mais elevado. O que ocorreu na metrópole fluminense foi uma alteração no perfil social de muitas áreas operárias, com a queda relativa dos operários da indústria e o aumento dos prestadores de serviço e dos comerciantes, tornando essas áreas tipicamente populares: em 1991, o Rio de Janeiro abrigava 152

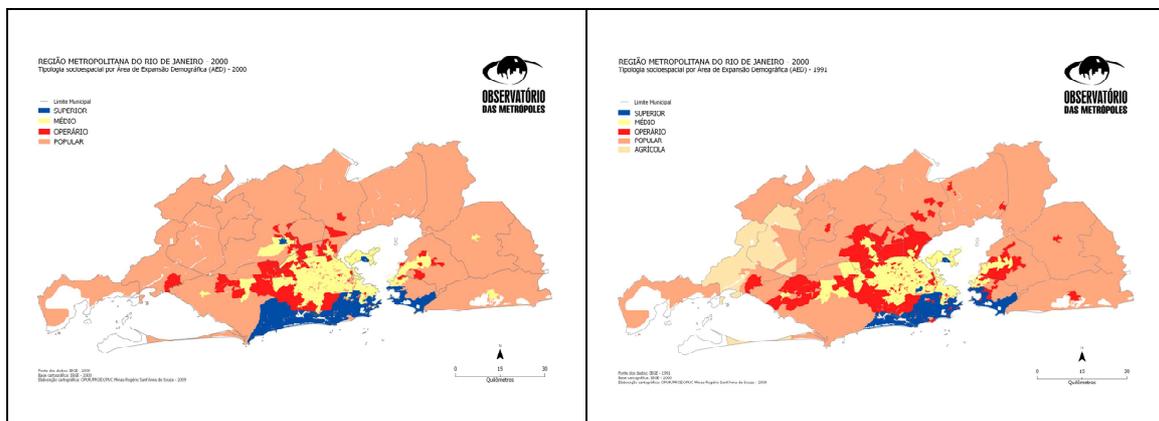
áreas operárias e 116 áreas populares; em 2000, eram 70 do primeiro tipo e 191 do segundo. São Paulo sofreu o mesmo processo, mas em menores proporções. Porém, em ambas as metrópoles não foram apenas os trabalhadores do comércio e serviços que aumentaram relativamente sua presença nos espaços populares, mas também os profissionais de nível superior e, no caso do Rio de Janeiro, ainda as categorias médias. Em Belo Horizonte, apenas as categorias médias acompanharam o aumento relativo dos trabalhadores do terciário, embora com menos intensidade

Na sequência de mapas de cada uma das quatro metrópoles é possível verificar graficamente as mudanças ocorridas nos territórios entre 1991 e 2000.

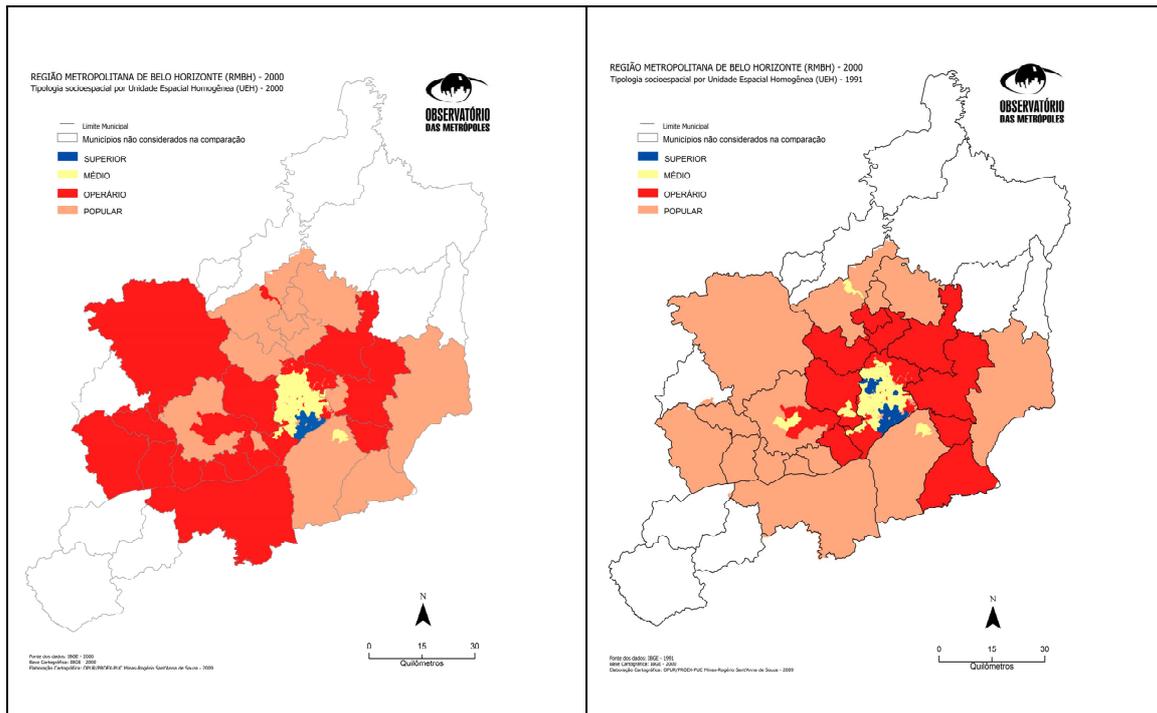
Mapa 1 Região Metropolitana de São Paulo., 1991 e 2000



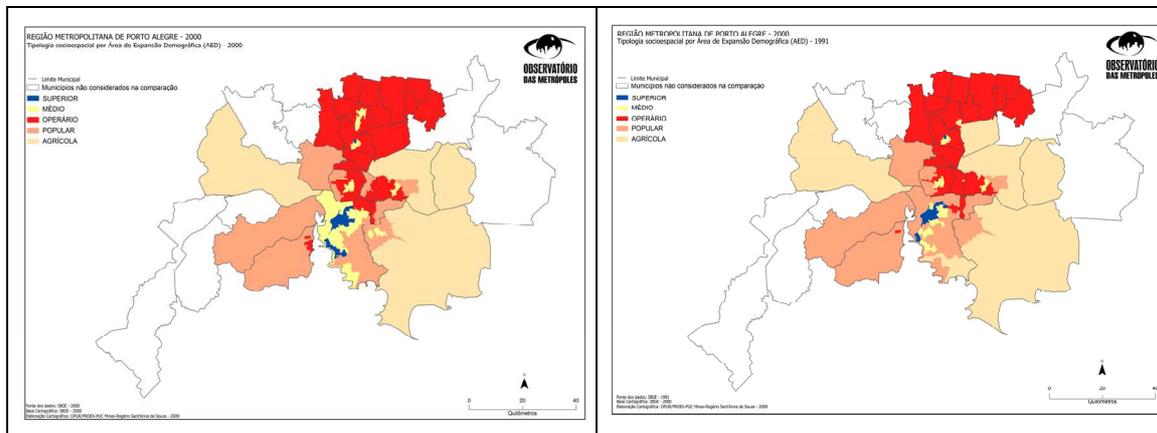
Mapa 2 Região Metropolitana do Rio de Janeiro 1991 e 2000



Mapa 3 Região Metropolitana de Belo Horizonte 1991 e 2000



Mapa 4 Região Metropolitana de Porto Alegre 1991 e 2000



À quiza de conclusões, foram quatro as evidências que merecem destaque na comparação entre o perfil socioespacial das metrópoles consideradas e estão enunciadas em Lago e Mammarella (2010).

A **primeira refere-se** às estratégias de localização residencial das classes superiores: as áreas superiores ficaram mais “exclusivas”, através do aumento na participação dos profissionais nessas áreas e, ao mesmo tempo, essa mesma categoria ficou menos concentrada nessas áreas. O aumento da presença das categorias superiores nos espaços médios e populares pode estar expressando a diversidade social interna ao grupo dos profissionais de nível superior e, conseqüentemente, a diversidade de estratégias de localização acionadas por estes. Profissionais de mais alta renda permaneceram ou se deslocaram para as áreas mais valorizadas das metrópoles, alimentando a crescente valorização desses espaços e, por conseqüência, impondo

limites para a entrada de outros segmentos sociais com menor poder econômico. Outros profissionais, com menor poder de compra, permaneceram em seus bairros de origem ou se deslocaram na direção das novas fronteiras de expansão do capital imobiliário nas áreas periféricas.

A **segunda evidência** diz respeito ao universo diversificado e amplo de trabalhadores denominado como categorias médias. Ao longo dos anos 90, as ocupações de escritório mais tradicionais, como secretárias e recepcionistas, sofreram significativa retração nas quatro metrópoles, levando o conjunto das ocupações médias a reduzir sua participação relativa na estrutura social. Porém, esse universo de trabalhadores com pelo menos o segundo grau completo, manteve-se como principal categoria ocupacional no que se refere ao contingente de ocupados e, assim como a categoria dos profissionais de nível superior, dispersou-se pelo território metropolitano. Mesmo com relativa redução das categorias médias, ocorreu um aumento no número de áreas tipicamente médias em função dessa dispersão em direção aos espaços mais periféricos, indicando tendência a maior diversidade social em partes desses espaços

A **terceira evidência** trata das mudanças observadas nas áreas operárias, especialmente aquelas localizadas em Porto Alegre e São Paulo, onde, em 1991, ainda eram encontradas áreas mais homogeneamente operárias. Como esperado, a retração dos empregos industriais no período alterou o perfil dessas áreas residenciais, através do aumento relativo, seja dos trabalhadores do terciário, seja das categorias superiores e médias. Não é possível saber, nesses casos, em que medida a maior diversidade social nos bairros operários tende a romper antigas formas de solidariedade de classe, enfraquecendo o poder da classe operária, e/ou tende a fortalecer novas formas de interação inter-classes. Trata-se de um caminho analítico a percorrer.

A **quarta e última evidência** contraria a tese do crescente isolamento e homogeneização das áreas populares periféricas. Como foi visto, essas áreas, em seu conjunto, estão mais diversificadas socialmente em função da desconcentração espacial das categorias superiores e médias. É certo que tal desconcentração é acompanhada pela valorização do preço da terra e dos imóveis, com processos cíclicos de expulsão dos mais pobres. É certo também, que a proximidade física não implica, necessariamente, a interação entre classes, podendo, ao contrário, gerar mecanismos de distanciamento social, tais como a estigmatização dos setores populares

## BIBLIOGRAFIA

MAMMARELLA, R., LAGO, L.C.do. Relatório final: tendências na organização social do território das metrópoles, no período 1991 – 2000. No site: <http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/relat0082009.pdf>

**LAGO, L.C.do, MAMMARELLA, R. Da hierarquia de classes à organização social do espaço intraurbano: um olhar comparativo sobre as grandes metrópoles brasileiras. Caderno MetrÓpole, São Paulo, v.12, nr. 23, PP. 65-84, jan/jun 2010**

MAMMARELLA, R., BARCELLOS, T.M.de Estrutura Social e segmentação do espaço metropolitano. Um retrato da Região Metropolitana de Porto Alegre em 2000. **Caderno MetrÓpole, São Paulo, nr. 13, PP. 133-169, 1º sem. 2005.**

RIBEIRO, L. C. de Q, LAGO, L. C. do. O espaço social das grande metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, A.2, n.3, 2000, p.111-130,